

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas
Habilitação: Línguas, Artes e Literatura

Parteiras tradicionais Pataxó na Aldeia Corumbauzinho

Projeto de percurso acadêmico
apresentado ao Curso de Formação
Intercultural para Educadores Indígenas
da Faculdade de Educação da UFMG
como requisito parcial para obtenção de
título de Licenciada em Línguas, Artes e
Literaturas.

Orientadora: Erica Dumont Pena

Coorientadora: Melina Sousa da Rocha

Gleiciane dos Santos Castro

Belo Horizonte/MG

2024

Dedico primeiramente a Deus, Tupã que me deu força para concluir esse percurso. À toda minha família, em especial aos meus pais, que sempre me incentivaram a estudar, às minhas entrevistadas Cristiana, Vanusa e às minhas avós. À Floripes Maria Ferreira, conhecida como Caboca; e Devanede Santana, pelas suas histórias e relatos de parto contatadas por elas. Ao meu filho Raua, pois em muitos momentos por ele eu não desisti e ao meu esposo Vanderson pelo apoio. À minha comunidade Corumbauzinho, que me ajudou durante essa trajetória, ao meu povo pataxó pelas suas lutas, aos nossos ancestrais que lutaram para que nós estivéssemos aqui. Às nossas lideranças e nossos anciãos que são nossos livros. Dedico a mim mesma, pois não foi fácil imaginar chegar a uma conclusão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado condições e força para não desistir. Em segundo, aos meus pais que sempre me incentivou a estudar, para buscar melhorias para minha comunidade.

Agradeço também a nossa comunidade por ter acreditado em mim, às lideranças e anciãos e aos meus entrevistados por terem me ajudado nessa jornada de realização deste trabalho. Agradeço também a toda a minha família.

Agradeço a todos os professores e bolsistas da UFMG, e a todos os meus colegas da turma da (LAL) obrigado a todos pelos os ensinamentos e aprendizados.

RESUMO

O parto tradicional indígena é importante porque ocorre junto ao aconchego da família, promovendo o cuidado da mãe e do bebê, com respeito e carinho. O meu trabalho tem como objetivo refletir sobre os saberes tradicionais sobre o parto Pataxó, na aldeia Corumbauzinho. Como metodologia trabalhamos com relatos contados por mulheres que tiveram seus filhos em casa com parteiras e aquelas que tiveram seus filhos nos hospitais com médicos e enfermeira. Como resultados, o trabalho mostra a história das parteiras. Destacamos os cuidados tradicionais das parteiras com as grávidas da aldeia Corumbauzinho, cuidados sobre as restrições movimentos da mulher grávida, com a alimentação, com o que o bebê é capaz de imitar, cuidados para a hora do parto e resguardo. Mudanças no parto tradicional de Corumbauzinho.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DA AUTORA.....	07
2. INTRODUÇÃO.....	06
3. METODOLOGIA.....	13
4. RESULTADOS.....	14
3.1. Local Do Estudo: Aldeia Corumbauzinho	
3.1.2 Conquista do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho	
3.2 Caracterização das Entrevistadas	
3.3. A história das parteiras: aprendendo a fazer parto	
3.4 Cuidados tradicionais para grávidas da aldeia Corumbauzinho	
3.4.1 Cuidados com os movimentos da mulher grávida	
3.4.2 Cuidados com a alimentação	
3.4.3 Cuidados com o que o bebê é capaz de imitar	
3.4.4 Cuidados para a hora do parto	
3.4.4 Cuidados no resguardo	
3.5 Mudanças no parto tradicional de Corumbauzinho.	
5. Considerações Finais.....	27
6. Referências bibliográficas.....	28

1. APRESENTAÇÃO DA AUTORA



Meu nome é Gleiciane dos Santos Castro. Nasci no dia 02/04/2002, na cidade de Itamaraju Bahia, sou filha de José Roberto Ferreira Castro e Viliandra Ferreira dos Santos. Meus irmãos são Julian dos Santos Castro, Juatan dos Santos Castro, Janaia dos Santos Castro, Joana dos Santos Castro e Erica Nascimento Conceição, todos pertencentes a etnia Pataxó. Resido na aldeia Corumbauzinho há 22 anos, desde quando nasci.

Vivi toda minha infância na aldeia Corumbauzinho e não foi muito ruim, apesar das dificuldades. Aos meus cinco anos, meus pais me colocaram para estudar no Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, localizado nesta aldeia. Foi uma felicidade imensa quando comecei a estudar. A professora perguntava para mim e meus colegas o que queríamos ser quando crescemos, eu sempre falava que queria ser uma professora.

Cresci em meio a simplicidade, com muita alegria em ter aproveitado meus momentos de crianças. As nossas brincadeiras favoritas era brincar de esconde, pula corda, pega-pega, dentro do rio, dentre outras. Como naquela época na nossa Aldeia não tinha água encanada adorava ir com minha mãe, meus primos e o meu irmão mais velho, para o

riacho brincar na água e quando era época de chuva aí que a gente gostava mesmo porque o rio ficava cheio, aproveitávamos para brincar dentro da água. Ah, como era bom!

Quando minha mãe ia trabalhar, eu mais meu irmão ficávamos com minha avó paterna, Caboca. Desde bebês que minha vó Caboca olhava eu e meu irmão mais velho pra minha mãe trabalhar. Eu e meu irmão quando aprendemos a falar e começamos a chamar ela de mãe velha e chamamos ela assim até hoje porque ela sempre cuidou e cuida tão bem da gente até hoje.

Com 15 anos, comecei a estudar no Ensino Médio na mesma escola. Tive muitas dificuldades, pois comecei a ver assuntos que eu nunca tinha visto nas séries anteriores. Aos meus 17 anos de idade estava cursando o terceiro ano do Ensino Médio, ou seja, o último ano de estudo para que eu concluísse a educação básica. Em relação aos alunos que estudavam comigo, eles foram Pedrisa, Rodrigo, Cristina e Alice. Eram apenas nós cinco e sempre muito unidos. Durante o ano letivo, sempre procurei me esforçar ao máximo para que eu tirasse boas notas nas disciplinas. Sempre fui uma estudante frequente nas aulas, e quando havia necessidade de faltar, eu procurava os conteúdos com os meus colegas para me inteirar das atividades, participava dos eventos que o colégio promovia, eu participava de forma completa. Alguns desses eventos foram o Dia do Índio, as Noites Culturais, Seminários, os Rituais, os Intercâmbios com as escolas não indígenas, dentre outros. Mesmo com as dificuldades eu nunca desisti, consegui concluir o Ensino Médio. Foi um momento único para mim quando recebi o meu certificado da tão esperada conclusão do Ensino Médio.

Desde adolescente eu ajudo os meus pais a trabalhar, porque não tínhamos condição financeira nenhuma. Confecciono artesanatos de madeira, e quando tem uma quantidade boa, meu pai vende para comprar alimentos. Sempre vivemos do artesanato e da roça. Eu também participo de reuniões aqui na minha aldeia, assim como do Awê (nosso ritual sagrado).

No ano de 2019, inscrevi-me na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), porque meu sonho era cursar uma faculdade, porém não tinha condições de pagar uma faculdade particular. No ano de 2021, recebi a tão esperada notícia que eu fui aprovada na UFMG. Foi uma alegria que não cabia no meu coração, um sonho realizado.

O curso de Línguas, Artes e Literatura é essencial para a formação dos professores indígenas, pois cada um destes componentes serve para o fortalecimento cultural e o pertencimento identitário do povo Pataxó. Hoje, já estou cursando a Licenciatura Intercultural em Línguas Artes e Literatura na UFMG e estou muito feliz. Só tenho a agradecer primeiramente a Deus, segundo aos meus pais. Pretendo buscar conhecimento e trazer para minha comunidade, porque vejo a necessidade de haver professores capacitados para atuar na área da educação.

Vivo o dia a dia na minha comunidade, ouvindo os mais velhos e suas experiências, obtendo muitos conhecimentos para atuar na comunidade. As festas coletivas e as tradições são passadas naturalmente. Um exemplo dessas festas e comemorações aqui na nossa aldeia é a festa de São Brás, que é realizada pelo nosso povo no mês de fevereiro. São 3 dias de comemoração e ela acontece no início do mês de fevereiro, 1, 2 e 3 e cada um os festejos são diferentes, para não perder a tradição do nosso povo Pataxó.

Durante minha trajetória no FIEI, acabei engravidando durante essa etapa de estudo, em julho de 2022. Quando teve o retorno do módulo presencial, pós pandemia, eu não pude ir, porque estava grávida de 3 meses. Fiquei muito triste, pois queria muito ir estudar, mas aí consegui ficar de regime especial no território.

Durante o período do módulo em setembro, a minha colega Adrielle me mandou uma mensagem falando que já estava decidindo sobre os temas de percursos e que todos já tinham escolhido seus temas. Meu coração ficou a mil, pois não tinha nenhuma ideia em mente. Num dia tranquilo à tarde fui visitar a minha avó Devanede e ela me perguntou se eu tinha vontade de ter o meu bebê em casa. Essa era minha maior vontade, que meu filho passasse pelas mãos das minhas avós. Aí eu pensei que as minhas duas avós são parteiras, então vou falar sobre relatos de parto, para refletir e mostrar um pouco da realidade de antigamente e dos dias atuais.

Em relação a minha gravidez, eu tive uma gestação bem tranquila, não tiver enjoos, segui todos os cuidados que minhas avós me ensinaram que eu não podia fazer, o que eu não podia comer, para que eu não tivesse nenhuma complicação na hora do trabalho de parto e nem atrasar ele. No oitavo mês eu fiz a última ultrassonografia para ver como meu bebê

estava, e se tudo estava bem, se já estava virado e o jeito de nascer. O médico me falou que já estava tudo certo para ele nascer, que já estava encaixado e que em algumas semanas ele já poderia vir ao mundo. Meu coração encheu de alegria e ansiedade a mil para conhecer o meu bebê.

Só que as semanas foram passando e nada do meu bebê nascer, em uma terça fui ao médico no Hospital Regional de Itamaraju, onde fui avaliada por uma médica. Eles analisaram meu ultrassom e me avaliaram. Ela falou que eu já estava com 2 centímetro de dilatação e me liberaria para ir pra casa, me falou que a qualquer momento eu poderia voltar para a maternidade em trabalho de parto, só que os dias foram passando e nada. O coração sempre apertado, passou quarta, quinta e nada de sentir dor. Na sexta, ainda sem nenhum sinal de parto e sem nenhuma contração, voltei a maternidade, pois as semanas já estavam passando, e já estava passando da hora do meu bebê nascer. Chegando lá fui atendida pelos enfermeiros que me avaliaram e falaram que eu já estava com 8 centímetro de dilatação, e que a qualquer momento o meu bebê poderia nascer. Só que as horas iam passando e nada de meu bebê nascer, coração sempre apertado, fazendo minhas orações, pois tinha fé em deus que ia dar tudo certo. Assim foi se passando as horas, minha mãe sempre ali comigo segurando a minha mão, em oração.

Passei o dia todo fazendo exercícios e nada, às dezessete horas as enfermeiras me colocaram no soro, quando comecei sentir umas leves contrações. Como elas estavam muito fracas, a enfermeira aumentou a quantidade de soro para que eu tivesse mais contrações. Às dezenove horas chegou o médico que faria plantão naquela noite e ele pediu para que os enfermeiros me levassem para a sala de pré-parto, para que ele me avaliasse. Quando o médico me avaliou e falou que eu nunca que ia ter aquele bebê normal, por irresponsabilidade da médica do plantão que estava durante o dia e que era para ter tirado o bebê desde às oito da manhã.

Me levaram logo para sala de cirurgia, falou que seria uma cesária de emergência, porque o meu bebê estava virado e estava passando da hora dele nascer. Depois da cirurgia ocorreu tudo bem, graças a deus, tive o meu bebê em meus braços, com 48 horas pós cirurgia eu e meu filho tivemos alta, fomos para casa, e lá em casa eu tive os cuidados da minha mãe e das minhas avós durante todo o resguardo.

Tomei banho de ervas, não podia pegar peso, nem abaixar, não podia comer comida remosa, ou seja, comida pesada, e vários outros cuidados. Mesmo não tendo o meu bebê em casa, eu recebi todos os cuidados e o aconchego da minha família, das minhas avós com todo cuidado comigo, e da minha mãe principalmente. Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida e a vida do meu filho, que apesar das dificuldades e das complicações, ele veio ao mundo, com vida e saudável, e Deus permitiu viver esse momento incrível com meu filho.

Durante toda essa experiência vivida no meu parto, eu não tive dúvida que eu queria falar sobre esse tema no meu percurso, pois é um tema de grande importância para nós, mulheres. Pretendo com esse trabalho dar mais visibilidade às parteiras que ainda existem e incentivar as mães da Aldeia Corumbauzinho a terem os seus filhos em casa, sendo o momento do parto é um momento muito importante para a mulher, de aconchego e amor. Apresentar as histórias, relatos e as experiências de cada uma e incentivar fazer o pré-natal certinho, para que não haja complicações com a mulher nem com o bebê.

2. INTRODUÇÃO

O parto tradicional Pataxó, realizado com as parteiras, envolve muitos cuidados como: colocar algodão no ouvido por causa do barulho, enrolar um pano na cabeça, uma alimentação diferenciada – comida que não seja remosa - banhos feitos com as ervas e outros que apresentarei ao longo deste trabalho.

Atualmente é bem raro as mulheres terem seus filhos em casa, porque a gravidez de hoje em dia já não é mais como a de antigamente. Muitas coisas mudaram e a maioria das gestações são consideradas pelos profissionais de saúde como sendo de risco. Temos muitas mulheres hipertensas, com diabetes e outras situações de saúde que fazem a gravidez ser mesmo de risco, mas também temos muitas gestantes com boa saúde que são encaminhadas para terem o parto no hospital porque os profissionais consideram que ter um parto com parteira seria também uma situação de risco.

Hoje em dia, as mulheres preferem o hospital, porque se caso der errado ou o bebê estiver virado ou sentado, eles fazem uma cesárea de emergência. O atendimento de saúde pelo estado está mais fácil dentro da nossa comunidade, com a presença da equipe da Secretária Especial de Saúde Indígena (SESAI), que atende uma vez por semana. Existe um carro que dá assistência às aldeias Águas Belas e Corumbauzinho. Quando alguém está passando mal, a pessoa vai até a agente saúde, ou liga para o carro, que vem buscar e leva diretamente para o Hospital Municipal de Itamaraju.

Por isso, dentro da nossa comunidade já está quase extinto uma mulher ter seu filho em casa, porque tem o carro da SESAI que dá esse suporte. Assim que começam as contrações, as mulheres procuram logo ir para o hospital, porque têm medo. Mesmo fazendo o pré-natal certinho com o ultrassom, algumas gravidezes de hoje em dia são de risco e as parturientes preferem buscar o hospital porque entendem que este é o lugar do conhecimento científico.

Também tem o cuidado do resguardo, que no conhecimento científico é chamado de puerpério. A alimentação do resguardo já não é como a de antigamente, pois consumimos muitos alimentos industrializados que influenciam em mudanças no cuidado pós parto,

uma vez que não são todos os alimentos que uma grávida e nem uma mulher de resguardo pode comer.

Percebendo que o conhecimento sobre o parto tradicional com as parteiras está se perdendo, pretendo deixar registrados os relatos sobre os partos tradicionais, além de analisar as mudanças que vem acontecendo. Essa discussão será de grande importância para a juventude da nossa aldeia, para que ela possa refletir e dar continuidade a esses saberes riquíssimos.

O objetivo deste trabalho foi refletir sobre os saberes tradicionais sobre o parto Pataxó, na aldeia Corumbauzinho.

De modo específico, busquei: 1. Registrar as histórias contadas pelas parteiras de como eram e ainda os partos tradicionais; 2. Analisar as mudanças que aconteceram no parto tradicional ao longo do tempo; 3. Ressaltar os relatos das parteiras da aldeia Corumbauzinho destacando a importância de valorizar esses saberes dentro da nossa comunidade; 4. Mostrar a importância em se preservar as ervas medicinais, que são utilizadas pelas parteiras no cuidado com as mulheres.

2. METODOLOGIA

Foram realizadas entrevistas com duas parteiras e duas Agente Indígena de Saúde (AIS) Indígena da aldeia de Corumbuzinho.

As entrevistas realizadas guiadas por um roteiro semiestruturado com perguntas para estimular os relatos das participantes, dando liberdade para as entrevistadas falarem sobre suas experiências.

As entrevistas não foram gravadas e, da maneira que as entrevistadas iam falando, foram anotadas por mim para compor o meu trabalho de percurso. Também foram realizados alguns registros audiovisuais, fotos e vídeos, que estão presentes ao longo do texto.

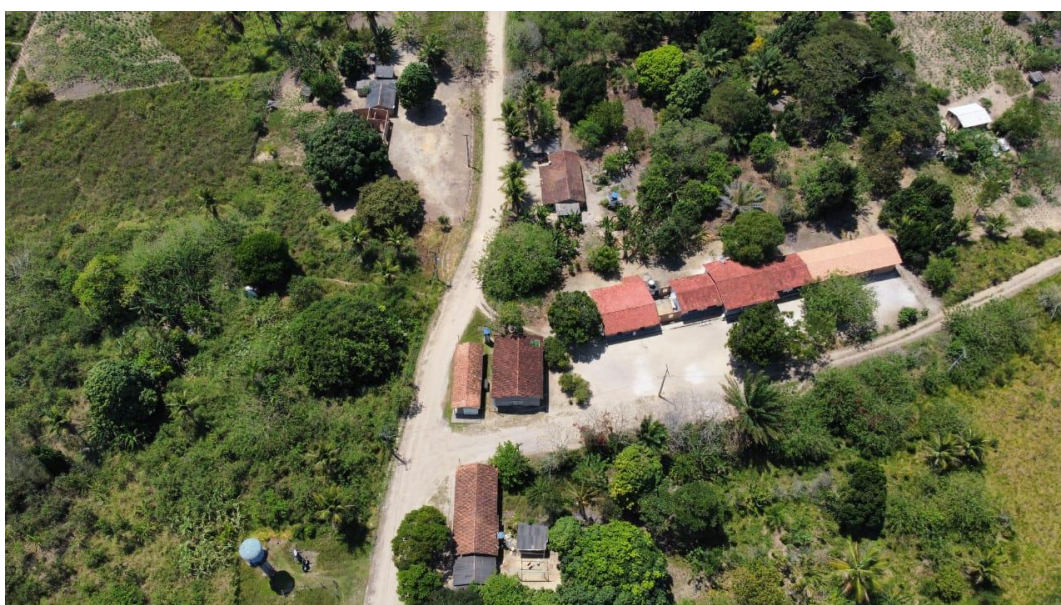
Além das entrevistas, foram feitas pesquisas em livros e na biblioteca com destaque para os Percursos da Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), em que buscou-se encontrar diferenças e similaridades sobre o parto.

3. RESULTADOS

3.1. Local do Estudo: Aldeia Corumbauzinho

Aldeia Corumbauzinho tem aproximadamente 36 anos de idade. Ela fica localizada no município de Prado, no extremo sul da Bahia, em torno do monte pascoal, dentro do território de Barra Velha. Aldeia Corumbauzinho faz divisa com a aldeia Águas Belas, com a Aldeia Craveiro e com a mata atlântica do parque histórico do Monte Pascoal.

Figura 1: Vista aérea da Aldeia Corumbauzinho



Fonte: Felipe.

A aldeia Corumbauzinho foi fundada no ano de 1988, através de muitas lutas e sofrimentos dos nossos mais velhos. Os primeiros fundadores foram, Mario Brás, Joao Brás, Alexandre Pereira, Ananias Ferreira e Lauro Ferreira.

Ela foi reconhecida pela FUNAI no ano de 1998, só que já havia gente morando lá e temos relato dessas pessoas durante o Fogo de 51¹, sendo que um dos fundadores veio de Barra Velha, de um lugar chamado Ribeirão. Dois índios moravam no Corumbauzinho e mais um índio isolado.

¹ O Fogo de 51 foi um massacre que viveu o Povo Pataxó de Barra Velha.

O fogo de 51 foi um massacre que aconteceu, na aldeia Barra velha, onde vários índios foram mortos, mulheres e crianças foram estrupada. Índios saíram fugidos, onde formaram novas aldeias.

Para o reconhecimento da aldeia tivemos o apoio de alguns caciques das aldeias vizinha, a saber: Aldeia Águas Belas, Aldeia craveiro, Aldeia Barra Velha, Aldeia Caramuru. Junto dos conselhos de cacique das regiões fomos até Eunápolis, onde ficava a regional da Funai na época. Esse conselho de cacique marcou uma reunião para vir até a nossa comunidade, no dia 17 de agosto de 1998. Foram 3 dias de reuniões com 16 famílias e no final chegaram à conclusão de que o espaço era muito pequeno para todas as famílias e que eles precisavam ocupar outro espaço que ficava as margens do rio Corumbau e do Parque Nacional.

Então foi ocupado essa área que era do Movimento dos Sem Terra (MST). A partir daí foi escolhido o primeiro cacique da aldeia que foi Edvaldo Brás, conhecido como Dil e o vice cacique Adailton pereira Brás, conhecido como Nenê. Aí a Funai, criou o primeiro Grupo de Trabalho de Gestão Territorial, fazendo o estudo e o reconhecimento da área.

Edivaldo Brás trabalhou como cacique durante 8 anos, depois foi embora para a aldeia Boca da Mata, onde vive hoje. O Cacique Adailton Brás assumiu o trabalho e está até hoje, atuando como cacique e correndo atrás de melhorias para nossa comunidade, juntamente com Pedro Brás, o vice cacique, e os lideranças e comunidade.

Atualmente a aldeia Corumbauzinho conta com 96 famílias, aproximadamente umas 500 indígenas, onde vivem da agricultura, como meio de sobrevivência principal, mas também do artesanato de madeira, que é meio de sobrevivência de muitos.

3.1.2 Conquista do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho

Em relação a criação da Escola Estadual de Corumbauzinho, ela foi fundada em 3 de marco de 1992 e pertence a esfera municipal de Prado, no estado da Bahia, assim como a comunidade de Corumbauzinho. No dia 28 de abril de 2004 a escola estadualizou e passou a se chama Escola Estadual Indígena de Corumbauzinho.

Em 2005 todos os profissionais da educação escolar indígena de Corumbauzinho já participavam de formações continuadas, realizadas pela Secretaria Estadual de Educação. De 2006 a 2009, o estado fez uma estrutura com duas salas de aula, e nesse período a

escola ofertava os anos iniciais do ensino fundamental. Em 2014, a Escola de Corumbauzinho passou a ofertar também o ensino médio, mudando o seu nome para Colégio Estadual de Corumbauzinho. Em 2015, o Colégio já contava com as três series do Ensino Médio no turno noturno e no final do ano passou a ter internet fornecida pela secretaria de educação.

No decorrer deste período, o Colégio de Corumbauzinho tem avançado principalmente por poder estar ofertando o ensino em sua própria comunidade, que através de recursos próprios, construiu duas salas de aula, uma secretaria, dois banheiros e uma cantina.

Em 2016 foi formada uma comissão do PDE que estava parado desde 2012. Com os recursos conseguimos executar o projeto da Mais Educação e comprar diversos móveis para o ambiente escolar. Hoje a escola é composta por um prédio construído pelo Estado, com duas salas de aula, 2 banheiros, uma secretaria, e uma cantina; e outra construída pela comunidade, com 2 salas, uma biblioteca (usada como sala de aula de informática) e um banheiro.




Na parte dos colaboradores, é formada por 26 funcionários, sendo um diretor, uma vice-diretora, 17 professores, três merendeiras, duas serventes e três ADM (pessoal de apoio). Ela atende como creche para os 3 anos, educação infantil, de 4 a 5 anos, Fundamental 1,2, Ensino Médio e Ensino de Jovens e Adultos, totalizando 155 estudantes. A escola também recebe alunos de outras aldeias e assentamentos vizinhos.


O tema do parto tradicional tem sido discutido nas salas de aula. Sim principalmente nas escolas indígenas porque esse tema é importante devido ao fato dos jovens não terem o conhecimento tradicional e não saberem da importância dessas parteiras na nossa comunidade, porque antigamente eram elas que faziam os partos e orientavam os cuidados das grávidas.

3.2 Caracterização das Entrevistadas

Como apresentado na metodologia, este trabalho contou com a entrevista de duas parteiras e uma Agente Comunitária de Saúde (ACS). A apresentação das entrevistadas encontra-se no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Apresentação das Entrevistadas

	<p>Devanede Santana Ferreira, mais conhecida como Devalda, da etnia Pataxó. Nascida em 15/11/1967, na aldeia mãe Barra Velha, município de Porto Seguro.</p>	<p>Parteira, mãe de 14 filhos, sendo 13 vivos e um morto, teve seus partos todos naturais, a maioria dos seus filhos ela teve sozinha.</p>
	<p>Essa é a minha avó paterna, Floripes Maria Ferreira, mais conhecida como Caboca, da etnia Pataxó. Nascida no dia 15/12/1944 na aldeia Corumbauzinho.</p>	<p>Parteira, mãe de 13 filhos, sendo 9 vivos e 4 mortos, seus partos foram todos naturais feito pela sua mãe Leonidia.</p>
	<p>Cristiana da Silva Conceição, conhecida, como Tiana, da etnia Pataxó, nascida no dia 26/03/1989 na cidade de Itamaraju - Bahia.</p>	<p>Agente de saúde, da Aldeia Corumbauzinho, mãe de 5 filhos, sendo todos por parto naturais, onde teve dois filhos em casa no qual ela fez seu próprio parto e 3 no hospital.</p>
	<p>Gilmara Ferreira dos Santos, da etnia Pataxó, nascida no dia 04/03/1998,</p>	<p>Formada em técnica de enfermagem e atua como Agente Indígena</p>

	na aldeia Corumbauzinho, onde reside até nos dias de hoje.	de Saúde a dois anos e meio. Sua função como agente de saúde é fazer visita domiciliar, fazer orientação de como deve tomar o medicamento, que o médico passar, acompanhamento dos hipertensos, pesagem das crianças, calcular o estado nutricional das crianças e agendamento para consultas médicas.
---	--	--

Fonte: Autora, 2024

3.3. A história das parteiras: aprendendo a fazer parto

Todas as parteiras me contaram como foi que aprenderam a fazer parto. Devalda relata que nunca tinha feito nenhum parto, mas sempre acompanhava sua mãe e suas irmãs na hora do trabalho do parto e sempre ajudava e observava, caso um dia fosse preciso fazer algum parto. Um certo dia ela estava em casa sozinha, na atual aldeia onde hoje reside, na aldeia Corumbauzinho, e sua prima sentiu dor e era uma época muito chuvosa, era o inverno, no mês de junho, uma época difícil, em que na aldeia não tinha nenhum transporte para ir para a cidade, para o hospital. Sua prima estava sentindo dor e no momento só estava elas duas e então ela começou a entrar em trabalho de parto e foi ali no momento que se sentiu obrigada em ajudar. Como já tinha presenciado a sua mãe e irmãs, de acordo com Devalda, Deus a deu o ensinamento e ajudou a socorrer a minha prima.

Já Caboca conta que sua mãe era parteira e então ela decidiu continuar esse legado de ajudar as mulheres de sua aldeia. “Com as minhas experiências, eu aprendi com ela” (Caboca). O primeiro parto que ela fez, ainda era bem novinha e só tinha uma filha. Caboca conta que foi ficar com uma prima, que estava com dor e o marido dela tinha indo buscar uma parteira bem longe, “ai ela pediu para eu acudir” (Caboca). Caboca foi e pegou a menina dela, com medo assim mesmo, porque ela nunca tinha feito nenhum parto, mas tinha os ensinamentos da sua mãe Leonidia, que era parteira.

Cristiana conta como aprendeu o primeiro parto:

O meu primeiro parto foi uma experiência comigo mesma, de pegar meu próprio filho. Eu estava em casa sozinha, estava num momento chuvoso, que era época de São João, aí eu não quis ir para o hospital, por que naquela época era muito difícil, não tinha carro de saúde para socorrer. Aí eu falei: “Vou ganhar esse menino aqui dentro de casa, com Deus e Nossa Senhora”.

Cristiana conta que de repente veio as contrações e ela forrou um lençol limpo na cama, para não sujar a cama quando veio as contrações fortes, ela fez força, aí seu filho nasceu e ela o pegou sozinha e Deus. Naquela hora, ela cortou o umbigo deu banho e ajeitou ele.

Os saberes das parteiras é um saber que não se aprende na escola, mas com os mais velhos e relaciona a força da mulher pataxó e de Deus que dá o poder para que elas façam o parto.

3.4 Cuidados tradicionais para grávidas da aldeia Corumbauzinho

3.4.1 Cuidados com os movimentos da mulher grávida

Todas as entrevistadas contam sobre cuidados que eram compartilhados entre as mulheres desde quando elas eram crianças, por conselho de suas mães e avós.

As mulheres de antigamente eram tudo assim, afirma Devalda, elas tinha o cuidados dos mais velhos.

Alguns cuidados são relacionados a restrições dos movimentos, ou seja, a coisas que uma mulher não deve fazer quando está gestante.

De acordo com Devalda desde quando era pequena ouvia a sua avó falar com a mãe que quando uma mulher estava grávida, ela não poderia ficar abaixando muito, pegar muito peso, não deveria se sentar em pilão, por que senão a placenta do menino “pega e fica pegado” – colado na barriga o que faz dar complicação na hora do parto.

Caboca também conta que sua mãe também dizia que quando a mulher grávida ela não não pode ficar abaixando, nem passar por debaixo de arame farpado.

Cristiana também afirma que durante a gravidez as mulheres devem ter total repouso, não andar de moto e nem de bicicleta, não montar a cavalo, evitar ficar abaixando, não ficar pegando muito peso, porque a gestação a mulher está em uma fase muito sensível.

Orientações e restrições à movimentos também foram encontrados no relato de parteiras de outras etnias, como descreve Zezinha Xakriabá (MOTA, 2019):

“Precisamos ter cuidado, desde e a alimentação até nosso comportamento. Quando ficamos grávidas não podemos passar debaixo de arame farpado, e nem deixa roupa amarrada e nem pelo avesso, pois nos mesmos podemos amarrar o nosso parto, amarrar que eu falo e a criança não conseguir nascer e ser precisa fazer Cesária.”

3.4.2 Cuidados com a alimentação

Outros cuidados muito importantes são relacionados à alimentação, a maioria desses cuidados também dizem sobre o que a mulher deve evitar comer quando está grávida. O maior cuidado segundo todas as entrevistadas é com as comidas remosas.

Quando a mulher está de resguardo, ela não pode comer certos tipos de alimentos, comidas remosas. Como por exemplo peixe de couro, carne de porco, marisco como carangueijo, lagosta, entre outros que são muitos remosos. Cacas do mato como tatu, paca, caititu, galinha do pescoço pelado, conhecida como goio, entre outros. Os alimentos que podiam era a carne de boi, carne de porca preta, galinha caipira ou granja. (Devalda).

Também para o povo Xakriabá, as mulheres grávidas devem comer um tipo certo de galinha e devem evitar comidas remosas.

As galinhas têm que ser mansas, não pode comer galinhas de certas qualidades, por exemplo, galinha que tem pescoço pelado e muito remosa para a saúde da mulher no resguardo. Quando comemos coisas que não pode, no resguardo, ficamos doente para a vida toda e depois não sabemos o porque foi, geralmente as dores que atacam são: dor de cabeça, depressão, tontura e outros problemas de saúde. (MOTA, 2019)

No nosso povo Pataxó, diferente do que conta Alessandro Mbya, não temos restrição para os homens durante a caça. De acordo com Alessandro (MIRI), no povo Guarani Mbyá:

Também quando a mulher está na fase de gestação, os homens têm que reduzir a nossa caça, por exemplo, quando eles vão pescar, se nas primeiras tentativas não pegou peixe, não se pode insistir, porque isso não vai ser bom para seu filho. Todos os seres vivos, rios e pedras tem seu dono. Por isso, não insista na pescaria, o dono do peixe já estava observando. E quando resolver dar o peixe, depois de dois meses, ou anos, a criança primeiro adoce e morre e os pais não vão saber por que a criança morreu. (MIRI, 2019)

3.4.3 Cuidados com o que o bebê é capaz de imitar

Uma questão que foi mencionada por Caboca e que também aparece em outros trabalhos sobre parto tradicional indígena é a capacidade da criança que está na barriga de imitar algumas coisas que acontecem. Por isso, como explica Caboca:

Não pode ficar olhando para animais e figuras feias, para que a criança não nasça parecida e nem feia, tudo isso minha mãe ensinava e ela tinha um cuidado enorme com quando eu estava grávida. (Caboca).

Também é de meu conhecimento de que as mulheres não podem ficar olhando para o macaco, pois o nariz do bebê poderá nascer igual. Minha avó também orientava o cuidado semelhante ao que aparece no trabalho de Alessandro Mbyá (2019), que diz que quando a mulher está na fase da gestação, os avós recomendam não comer aquela banana que está grudada uma na outra para o filho não nascer grudado um no outro.

Também para o povo Xakriabá, não se pode comer miúdos da galinha, porque a criança nasce miúda. (MOTA, 2019). E, de acordo com Alessandro Mbyá (2019) não se deve comer o que foi queimado no fundo a panela, por que a criança demora para nascer, imitando o grude que forma no fundo da panela.

3.4.4 Cuidados para a hora do parto

Na hora do parto todas as parteiras destacam a importância de saber cortar a invide, (umbigo).

Caboca conta que sua mãe falava que, para cortar o umbigo tinha que medir os dois dedos e cortar. (Caboca).

Deve medir dois dedos, um pouco afastado do umbigo, amarrar uma cordinha no começo e outra no fim da invide, e por último, esquentar uma colher e queimar o umbigo, para não entrar ar. (Cristiana).

Tiro para criança ser corajosa

Ouvindo a tradição pataxó dos mais velhos e por ter presenciado alguns fatos dentro da minha comunidade, sei que quando uma mulher dá à luz a uma criança do sexo masculino dentro de uma comunidade indígena tinha que dar um tiro de espiganda para que aquele menino não fosse uma criança medrosa, ou seja se tornasse um homem corajoso.

3.4.4 Cuidados no resguardo.

Após o parto aprendi que as mulheres devem tomar alguns cuidados, pois a mãe do corpo (uma parte do útero), corre o risco de sair para fora, já que fica muito inflamada. Tipo quando uma coisa está quente e vermelha, com dor.

No resguardo, depois que a mulher ganha a criança, ela fica muito sensível, ou seja, o juízo fica fino, não pode ouvir barulho. As pessoas de antigamente falam que o juízo fica fraco, por isso não pode ouvir barulho. Tem que colocar um algodão no ouvido e ficar em um lugar calmo. Também não pode pegar peso, não pode abaixar. A mulher tem que ter repouso por 40 dias, para poder a mulher se recuperar, para daí pode voltar como era antes. (Devalda).

No resguardo a mulher só pode levantar da cama partir de três dias, não pode ficar pegando peso, só o peso da criança é o suficiente. Não pode comer certos tipos de alimentos e nem comida requentada. A galinha da roça, o sal era separado, farinha era separada, a comida era feita separada para ninguém meter a mão. (Caboca).

Na parte do resguardo, Cristiana afirma que deve se ter muitos cuidados e tem que seguir todas as regras dos nossos mais velhos, pois a mulher não deve passar raiva, não pode ouvir barulhos, não pode abaixar e nem comer galo, nem galo cantando e nem galinha choca ou de granja.

O período do resguardo são 40 dias certinho, sem poder pegar peso e sem pegar em vassoura, porque a minha avó falava que quando estamos de resguardo, se varremos uma casa, a mulher pode ter uma grande hemorragia. (Cristiana).

De acordo com meus conhecimentos, as mulheres também não podem varrer a casa, soprar fogo e pegar peso. Não podemos lavar o cabelo antes dos 30 dias, pois podemos sentir muita dor de cabeça. E não podemos tomar susto para não quebrar o resguardo, pois o juízo fica muito fino. Qualquer coisa pode atrapalhar, aí se quebrar, segundo as parteiras, nunca mais melhora.

Colocar algodão no ouvido para não ouvir barulho e amarrar a barriga com folhas de ervas para desinflamar e ajuntar a dona do corpo de modo a não ficar barrigudas, é alguns dos ensinamentos dos nossos mais velhos para o resguardo.

3.4.5 Ervas utilizadas no cuidado com as mulheres gestantes:

No cuidados tradicional do meu povo pataxó, as ervas ocupam um lugar de grande importância no preparo da mulher gestante antes do parto. Esse conhecimento é passado de geração em geração pelas parteiras e curandeiros da nossa comunidade.

Usamos as plantas para fortalecer o corpo da mulher, aliviar dores e garantir que ela esteja calma e preparada para o nascimento do seu filho. As ervas como a erva doce e a arruda são fundamentais para acalmar e proporcionar tranquilidade. O capim limão e as folhas de pitanga também são usados, sejam em chás ou banhos, para relaxar e aliviar tensões. Já o jatobá é empregado em defumações, trazendo força e proteção para a mãe.

Essas práticas são sagradas para nós. Elas não apenas cuidam do corpo, mas também da espiritualidade da mulher, conectando-a com a natureza e os espíritos ancestrais que nos guiam. Assim, a gestante vai para o momento do parto com confiança, cercada do saber das raízes.

As parteiras faziam o chá da arruda e o chá da pimenta do reino para beber e pisava arruda do mufaris com o alho esquentava no fogo e colocava na barriga da mulher, para a dor espertar e ganhar mais rápido.

Usava as folhas da aroeira para fazer banhos para banha as mulheres quando tinha o bebê da cintura para baixo, o banho da aroeira age como um antiinflamatório, assim como a aroeira a folha do caju tbm e um antiinflamatório, como o mastruz e transsagem são utilizados no trabalho da recuperação das parturientes.

Esse cuidado também é parecido com o que está descrito no texto da Zezinha Xakriabá quando ela conta que “pegava a folha de mato, preparava os banhos bem quente e dava na mulher que estava sentindo dor, da cintura para baixo, para aumentar a dor. Esses matos que ela usava para por encegrações e outros cuidados importante. Que ajudam a consertar a mulher e ensinar a guarda o resguardo.” (XAKRIABÁ, p.28).

3.5 Mudanças no parto tradicional de Corumbauzinho.

Todas as parteiras afirmam que houve muitas mudanças e que as mulheres hoje muitas vezes preferem ter seus filhos em hospitais. Essa situação também acontece entre os Guarani Mbyá. Segundo Alessandro Mbyá

(...) o índice de Cesária está aumentando muito. A maioria das vezes por medo de ter o parto normal e serem maltratadas, as mulheres indígenas preferem seguir o procedimento cirúrgico para fazer a Cesária, muitas das vezes algumas mulheres preferem pagar para fazer o parto, com medo de correr algum risco, mas sério de saúde. (MIRI, 2019).

Devalda também diz que as mulheres não guardam mais o resguardo e muitas não respeitam os ensinamentos dos mais velhos.

Tem mulher que ganha nenê e uns três dias já está andando de lá pra cá. Não tem resguardo, come comida remosa e isso prejudica a saúde da mulher. Elas começam a sentir problemas de saúde sem saber o porquê... uma dor e cabeça uma hemorragia, inflamação no útero. (Devalda).

Alessandro Mbyá também relata que as mulheres não respeitam o resguardo como a de antigamente que tinha seus filhos em casa, talvez por que não recebem orientações, elas não se protegem do frio e lavam a cabeça com menos de 15 dias. Consomem alimentos que não são propícios a saúde no período do resguardo. (MIRI, 2019).

De acordo com Gilmara, antigamente, nos tempos passados, os partos era feitos em casa, que naquela época não tinha como as pessoas irem no hospital, devido acesso de transporte que quem mora em zona rural é muito difícil, naquela época não tinha veículo que transportava até a cidade, alguns iam de montado a cavalo de jegue.

Antigamente ne quando a gestante chegava no último período da gestação, que a mulher começava a sentir as dores o pai, a mãe ou o marido da esposa que estava ali presente, chamava a parteira, ela vinha com os materiais, naquele tempo não tinha como estetizar, as parteiras fervia a tesoura para cotar o cordão umbilical, e aí vinha com os seus preparativos e aí colocava as gestantes na posição do parto ne mais primeiramente elas iniciava para a aumentar as contrações um banho da folha da manga espada, um banho bem esperto para poder dar da cintura para baixo, da gestante quando não era com a folha da manga espada usava o sabonete virgem, um café bem quentinho ou a folha da cana que é muito boa para aumentar as contrações. E aí ela iniciava só esperando as contrações aumentar, aí quando a criança corava ali a parteira pegava, ela cortava o cordão umbilical, orientava a mãe só dar o banho na criança só depois de 24 horas, que a criança estava ali quentinho, então era o cuidado que as parteiras tinha com o recém nascido então antigamente era dessas forma que era feito a realização do parto dentro das comunidades indígenas, Antigamente ne, nos tempos

passados os partos era feito em casa, que naquela época não tinha como as pessoas irem no hospital, devido acesso de transporte que quem mora em zona rural é muito difícil, naquela época não tinha veículo que transportava até a cidade, alguns iam de montado a cavalo de jegue. Então como o tempo mudou, graças a Deus, hoje tem transporte, tem tudo né tem como a equipe médica entra em área, antigamente não a equipe médica não tinha acesso a área. (Gilmara)

De acordo com Gilmara agora temos a SESAI que é responsável pela saúde indígena. Antes quando as mulheres engravidavam, elas tinham sua gestação toda em casa, sem um atendimento médico, sem uma consulta pré natal, sem o acompanhamento da enfermagem, durante os 9 meses da gestação, tinha o acompanhamento das parteiras da região, quando sentiu alguma dor a ela que socorria pra ver se poderia tomar algum tipo de chá, e os cuidados também que eram essenciais para que a gestante tenha um bom parto. Hoje o que mudou foi que temos a saúde da SESAI que dá o suporte nas aldeias, temos uma equipe médica que frequenta a nossa comunidade uma vez por semana, onde essa equipe é composta por um médico, uma enfermeira, um técnico de enfermagem, e um dentista. Quando uma indígena da nossa aldeia fica grávida, agente como profissional, orientar, todo mês, vim até o posto de saúde, fazer o acompanhamento necessário da gestação fazer os exames, de laboratório, passar pela enfermeira, para dar entrada no primeiro início de pré natal e daí em diante, tem os acompanhamentos, todo mês pega os medicamentos que são o sulfato ferroso e o Ácido Fólico, para que a criança nasça saudável, sem anemia, e o agente orienta todo mês passar pelo médico, pra ver se durante a gestação não gera uma hipertensão, se não tem alguma anemia, quando o período de pré-natal é feito até os 9 meses, o SUS libera uma ultrassom, para cada gestante e aí quando agente sente dor ela entra em contato com a agente de saúde ou o cacique caso a agente de saúde esteja ausente na aldeia, onde os agentes fazem a ligação para o polo de Itamaraju, onde a enfermeira chefe libera o carro para buscar a gestante com dor para levar para o hospital com um acompanhante. Lá o motorista da SESAI deixa a gestante lá com o seu acompanhante, onde fica sendo monitorada pela assistente social e a enfermeira responsável da sua aldeia, aí quando a gestante tem o bebê, no outro dia a enfermeira vai lá no hospital fazer uma visita para a parturiente, e quando ela tem alta do hospital, o acompanhante entra em contato com a enfermeira ou a agente de saúde, onde eles mandam o carro para levar ela de volta para a aldeia. Quando chega na aldeia as agentes de saúde



visitam, caso sinta alguma coisa ela aciona a enfermeira da Sesai, para tomar alguma providência. E fica aos cuidados dos familiares da mãe, das avós, etc...

O parto feito por parteiras do povo pataxó, assim como outros saberes tradicionais, é um patrimônio cultural que carrega a sabedoria de gerações. Retomar o respeito por esse tipo de cuidado envolve reconhecer o valor desses conhecimentos ancestrais, que combinam práticas baseadas nas experiências, na observação e no entendimento profundo do corpo humano, da natureza e do ciclo da vida. Esse reconhecimento não deve ser limitado a registros em livros, mas ser integrado à vida cotidiana, passado de geração para geração.

Manter esse saber vivo depende de fortalecer as redes de mulheres e parteiras dentro da comunidade, garantindo que as novas gerações sejam expostas a essas práticas. Ao mesmo tempo, é importante criar espaços de diálogo entre a medicina tradicional e a medicina ocidental moderna, mostrando que ambas podem coexistir e se contemplar, em vez de competir.

A desvalorização do cuidado tradicional por algumas mulheres é compreensível, já que o avanço da biomedicina e a falta de apoio social e institucional para práticas tradicionais podem gerar desconfiança. Para mudar isso, é fundamental investir em programas de educação e conscientização cultural que mostrem benefícios dos cuidados tradicionais.

Além disso, é essencial dar suporte material e moral para as parteiras, garantindo que suas práticas sejam respeitadas e reconhecidas dentro do sistema de saúde; um passo essencial para enfrentar as dificuldades de manter vivas essas tradições.

Por fim, o trabalho das mulheres dentro dessas comunidades muitas vezes esbarra em desafios como falta de reconhecimento e de recursos, além da pressão social para aderir a modelos mais “modernos”. Reconhecer o valor dessas mulheres e seus saberes é uma forma de preservar a riqueza cultural de seu povo, mantendo vivo o conhecimento que ultrapassa gerações.

Considerações Finais

Neste trabalho foi proposto descrever e comentar sobre o parto tradicional e cuidados tradicionais com as grávidas da Aldeia Corumbauzinho, com base nos conhecimentos e experiências de parteiras e AIS.

Neste trabalho destacamos a história das parteiras. Descrevemos os cuidados tradicionais para grávidas da aldeia Corumbauzinho: como os cuidados com os movimentos das mulheres grávidas, com a alimentação, com o que o bebê é capaz de imitar, cuidados para a hora do parto e do resguardo. Também discutimos sobre as mudanças no parto tradicional de Corumbauzinho.

O trabalho traz importantes contribuições para minha comunidade, porque valoriza e preserva nossas práticas culturais e ancestrais, fortalecendo a identidade e autoestima do nosso povo. Além disso, contribui para a educação e sensibilização dos profissionais de saúde, promovendo o respeito às nossas tradições e incentivando um diálogo intercultural.

A pesquisa também oferece autonomia às mulheres pataxó, oferecendo conhecimentos sobre métodos tradicionais e permitindo escolhas informadas. Por fim, o trabalho pode servir como referência para futuras pesquisas e iniciativas que promovam o bem-estar e a saúde da comunidade.

Referências bibliográficas:

Mota, M. J. A. C. (2019). *Nascer Xakriabá: saberes e práticas tradicionais e científicas sobre parto*. [Monograph, Intercultural Training for Indigenous Educators Degree, Federal University of Minas Gerais].

Mirim, A. K. (2019). *Kyringue rexain rã: para a saúde das crianças guarani Mbyá*. [Monograph, Intercultural Training for Indigenous Educators Degree, Federal University of Minas Gerais].

APÊNDICE 1 - Análise Temática das Entrevistas

ERVAS E USOS DAS ERVAS	<p>Pegava a folha de mato, preparava os banhos bem quente e dava na mulher que estava sentido dor, da cintura para baixo, pra aumentar a dor. Os banhos: são a folha da banana da terra, folha de mastruz e metraste. (Devalda)</p> <p>Ela pegava a folha do mastruz e pisava, a folha da arruda, da hortelã moída com óleo de amêndoas, passava na barriga e atracava com o pano, sua mãe falava que era para desinflamar por dentro e juntar a dona do corpo. (Caboca).</p> <p>As parteiras usam muitos banhos de remédios e chá, que ajudam antes e depois do parto, encerradas por incergacoes e outros cuidados importantes, que ajudam a consertar a mulher e ensinar a guarda o resguardo. (Zeza, p.28).</p> <p>Tem também ervas que são ótimas para a mulher tomar, para ajudar, e os chás de Manjerona e Papaconha, assim os peitos fica cheio. (Zeza).</p>
COMO ERA ANTES O PARTO	<p>Devalda diz que quando era pequena, sempre ouvia a sua avó falar com a minha mãe que quando uma mulher esta grávida, ela não pode fica abaixando muito, para não pegar muito peso. Não se sentar em pilão, porque senão a placenta do menino pega, fica pegado e da complicação na hora do parto. Aí as mulheres fica ruim de despachar. As mulheres de antigamente eram tudo assim, afirma Devalda, elas tinham os cuidados dos mais velhos (Devalda).</p> <p>Sua mãe também dizia que quando a mulher esta grávida ela não pode comer certos tipo de alimentos, não pode ficar abaixando e nem passar por debaixo de arame farpado. Não pode fica olhando para animais e figuras feios, para que a criança não nasça parecida e nem feia, tudo isso sua mãe ensinava e ela tinha um cuidado enorme com Caboca, quando estava grávida. (Caboca)</p> <p>Ela afirma que durante a gravidez as mulheres devem ter total repouso, não andar de moto (motocicleta), nem de bicicleta. Não montar a cavalo, evitar fica abaixando, não ficar pegando muito peso, por que a gestação a mulher está em uma fase muito sensível. (Cristiana)</p>
MOTIVOS PARA TER MUDADO	<p>Devalda afirma que hoje em dia houve muitas mudanças e que as mulheres preferem ter seus filhos em hospitais, porque as coisas não são como antigamente. As mulheres não guardam mais o resguardo, não respeitam os ensinamentos dos mais velhos. Tem mulher que ganha nenê e uns três dias já está andando de lá pra cá. Não tem resguardo, come comida remosa e isso prejudica a saúde da mulher. Elas começam a sentir problemas de saúde sem saber o porquê: uma dor de cabeça uma hemorragia, inflamação no útero. (Devalda).</p> <p>As mulheres também não respeitam o resguardo como as de antigamente que tinha seus filhos em casa, talvez por que não recebem orientações, elas não se protegem do frio e lavam a cabeça com menos de 15 dias. Consomem alimentos que não são propícios à saúde no período do resguardo. A escolha por hospitais apresenta essa diferenças, pois muitas mulheres sofrem bastante para ter seus bebês, por que talvez ela não esteja no momento certo para nascer. (Alessandro).</p> <p>O índice de cesária esta aumentando muito. A maioria das vezes por medo de ter o parto normal e serem maltratadas, as mulheres indígenas preferem seguir o procedimento cirúrgico para fazer a cesária, muitas das vezes algumas mulheres preferem pagar para fazer o parto, com medo de correr algum risco mas serio de saúde. (Alessandro).</p>
RESGUARDO	<p>No resguardo, depois que a mulher ganha a criança, ela fica muito sensível, ou seja, o juízo fica fino, não pode ouvir barulho. As pessoas de antigamente falam que o juízo fica fraco, por isso não pode ouvir barulho. Tem que colocar um algodão no ouvido e ficar em um lugar calmo, não pode pegar peso, não pode abaixar. A mulher tem que ter repouso por 40 dias, para poder a mulher se recuperar, para daí pode voltar como era antes. (Devalda).</p> <p>No resguardo a mulher só pode levantar da cama partir de três dias, não pode ficar pegando peso, só o peso da criança é o suficiente. Não pode comer certos tipos de alimentos e nem comida requentada, galinha da roça não podia, o sal era separado, farinha era separado, a comida era feita separada para ninguém meter a mão. (Caboca).</p> <p>Na parte do resguardo, Cristiana afirma que deve se ter muitos cuidados e tem que seguir todas as regras dos nossos mais velhos, pois não deve passa raiva, não pode ouvir barulhos, não pode abaixar e nem comer galo. Nem galo cantando e nem galinha choca, ela também fala que não podemos comer galinha de granja.</p> <p>O período do resguardo são 40 dias certinho, sem poder pegar peso e sem pegar em vassoura, porque a minha avó falava que quando estamos resguardo, se varremos uma casa, a mulher pode ter uma grande hemorragia. (Cristiana).</p>

	<p>Quando eu tive minha filha, minha mãe não deixava eu varrer a casa, soprar fogo, nem pegar peso nenhum, pois a mãe do corpo (a mãe do corpo é uma parte do útero) poderia sair para fora, já que ficaria muito aflemada (quando uma coisa esta quente, vermelha, com dor). Temos que ter cuidado ao sentar-se, não pode sentar-se de qualquer jeito e não pode lavar o cabelo o cabelo antes dos 30 dias, pois a mulher pode sentir muita dor de cabeça. Temos muitos cuidados de não assustar a mulher de resguardo, para não quebrar o mesmo, pois o juízo da mãe fica muito fino, qualquer coisa atrapalha. Aí se quebrar nunca mais melhora, segundo as parteiras. (Zeza)</p>
ALIMENTAÇÃO	<p>Quando a mulher está de resguardo, ela não pode comer certos tipos de alimentos, comidas remosas. Como, por exemplo, peixes de couro, carne de porco, mariscos como caranguejo, lagosta, entre outros que são muitos remosos. Caças do mato, como tatu, paca, caititu, galinha do pescoço pelado, conhecida como (goio), entre outros. Os alimentos que podiam era a carne de boi, carne de porca preta, galinha caipira ou de granja (Devalda).</p> <p>Precisamos ter cuidado, desde a alimentação até nosso comportamento. Quando ficamos grávidas não podemos passar debaixo de arame farpado, não deixar roupa amarrada e nem pelo avesso, pois nós mesmo podemos amarrar o nosso parto, amarrar que eu falo é a criança não conseguir nascer e ser precisa fazer cesária. Não podemos comer qualquer alimento como: pregado de arroz, pela de porco, pois se comemos na hora do beber nascer, e se descer, faz subir para a boca do estômago, e aí a mulher sofre muito.</p> <p>Pimenta nem pensar, pois a criança nasce com cólica e muita quentura. E não pode comer miúdos da galinha, porque a criança nasce miúda. (Zeza)</p> <p>As parteiras têm muito cuidados em preparar as comidas das mães, depois do parto. Não pode se alimentar como antes, em pelo menos um mês: almoçar e jantar mais cedo e à noite só pode comer pirão ou macarrão, esses são alguns dos cuidados.</p> <p>As galinhas têm que ser mansas, não pode comer galinhas de certas qualidades, por exemplo, galinha que tem pescoço pelado é muito remosa para a saúde da mulher no resguardo. Quando comemos coisas que não pode, no resguardo, ficamos doentes para a vida toda e depois não sabemos o porquê foi, geralmente as dores que atacam são: dor de cabeça, depressão, tontura e outros problemas de saúde. (Zeza).</p> <p>Quando a mulher esta na fase da gestação, os nossos avos falam também que não podemos comer aquela banana, que está grudada uma na outra. Isso é falado desde criança, para quando for ter o filho não nascer grudado um no outro. Quando encontra a banana, dividir com outra pessoa. (Alessandro).</p> <p>Não podemos comer o que foi queimado no fundo da panela, porque a criança demora pra nascer e é como se fosse imitando o grude que forma no fundo da panela. (Alessandro).</p>
OUTROS	<p>Na entrevista ela relata que nunca tinha feito nenhum parto, mas sempre acompanhava sua mãe e suas irmãs na hora do trabalho do parto e sempre ajudava e observava, caso um dia fosse preciso ela fazer algum parto.</p> <p>Um certo dia ela estava em casa sozinha e na atual aldeia onde hoje reside, na aldeia Corumbauzinho, sua prima sentiu dor e era uma época muita chuvosa, era no inverno, no mês de junho, uma época difícil, em que na aldeia não tinha nenhum transporte para ir para a cidade, no hospital. Sua prima estava sentindo dor, e no momento só estava elas duas, então ela começou a entrar em trabalho de parto e foi ali que ela fez o primeiro parto. Ela diz que nunca tinha imaginado fazer parto, mas ali no momento se sentiu obrigada em ajudar. Como já tinha presenciado sua mãe e irmãs, de acordo com Devalda, deus a deu o ensinamento e ajudou a socorrer a minha prima. (Devalda)</p> <p>A mãe dela era parteira e então ela decidiu continuar esse legado de ajudar as mulheres de sua aldeia. Com as minhas experiências, tudo que eu sei minha filha, eu aprendi com ela. (Caboca)</p> <p>O primeiro parto que ela fez ainda era bem novinha, só tinha uma filha. Caboca conta que foi ficar com uma prima que estava com dor, e o marido dela tinha indo buscar uma parteira bem longe, aí ela pediu para eu acudir ela. Caboca foi e pegou a menina dela, com medo assim mesmo, porque nunca tinha feito nenhum parto, mas tinha os ensinamentos da sua mãe, que era parteira. (Caboca)</p> <p>O meu primeiro parto foi uma experiência comigo mesma, de pegar meu próprio filho. Eu estava em casa sozinha, estava num momento chuvoso, que era época de são João, aí eu não quis ir para o hospital, porque naquela época era muito difícil, não tinha carro de saúde para socorrer. Aí eu falei “vou ganhar esse menino aqui dentro de casa, com deus e nossa senhora”. Ela conta que, de repente veio as contrações, e ela forrou um lençol limpo na cama, para não sujar. Quando veio as contrações fortes, ela fez força,</p>

		<p>aí seu filho nasceu e ela o pegou sozinha e deus. Naquela hora, ela cortou o umbigo, deu banho e ajeitou ele. (Cristiana).</p>
QUAIS PROCEDIMENTO FEITO	ERAM OS	<p>Ela pegava as crianças, cortava o umbigo, dava banho e colocava em cima da cama, juntamente com a mãe. (Devalda).</p> <p>Caboca conta que sua mãe falava que, para cortar o umbigo tinha que medir os dois dedos e cortar. (Caboca).</p> <p>Cristiana relata que quando a criança nasce, a parteira corta o umbigo. Deve medir dois dedos, um pouco afastado do umbigo, amarrar uma cordinha no começo e outra no fim da invide, e por ultimo, esquentar uma colher e queimar o umbigo para não entra ar.”(Cristiana).</p>

APÊNDICE 2 – Anotações das entrevistas

Por meio das minhas referências, entrevistei duas parteiras e uma agente de saúde para apresentar suas narrativas sobre o parto. Minha avó Devalda, a Floripes e a agente Cristiana, que me apresentaram os seguintes relatos:

DEVALDA(MINHA AVO MATERNA)

Iniciei o trabalho fazendo a primeira entrevista com a minha avó Devanede Santana Ferreira, mais conhecida como (Devalda), da etnia Pataxó, nascida em 15/11/1967, na aldeia mãe Barra Velha, município de Porto Seguro, mãe de 14 filhos, sendo 13 vivos e um morto, teve seus partos todos naturais, a maioria dos seus filhos teve sozinha.

Tivemos uma conversa excelente sobre várias experiências adquiridas durante a sua trajetória como parteira. Na entrevista ela relata que nunca tinha feito nenhum parto, mas sempre acompanhava sua mãe e suas irmãs na hora do trabalho de parto e sempre ajudava e observava, caso um dia fosse preciso ela fazer algum parto.

Um certo dia ela estava em casa sozinha e na atual aldeia onde hoje reside, na Aldeia Corumbauzinho, e sua prima sentiu dor e era uma época muita chuvosa, era no inverno, no mês de junho, uma época difícil onde na aldeia não tinha nenhum transporte para ir para a cidade, no hospital. Sua prima estava sentindo dor e no momento só estava elas duas, então ela começou a entrar em trabalho de parto, e foi ali que ela fez o primeiro parto. Ela diz que nunca tinha imaginado fazer parto, mas ali no momento se sentiu obrigada em ajudar. Como já tinha presenciado sua mãe e irmãs de acordo com Devalda, deu a ela o ensinamento e ajudou a socorrer a minha prima.

Dali em diante, começou a fazer partos em sua aldeia, socorrendo as mulheres da aldeia, aquelas, que precisavam. Mandavam chama-la eu ela ia fazer o parto delas. As primeiras crianças que ela pegou não tiveram pré-natal não. Graças a deus, as crianças que ela pegava e as mulheres tinha sua gravidez saudável, porque tinham todo o cuidado quando estavam grávidas. Devalda lembra que só uma vez foi fazer um parto e deu um pouco de trabalho, mas pediu a deus, e ele deu o ensinamento, fazendo tudo dar certo. Ela pegava as crianças, cortava o umbigo, dava banho, e colocava em cima da cama, juntamente com a mãe

A diferença de antigamente pra hoje e porque antigamente quando a mulher sentia dor para ganhar o nenê, agente preparava banho de folha para poder dar na mulher, para poder a dor aumentar e quando era de ter a dor aumentava e quando era de não ter a dor passava e tinha vez que as parteiras não demorava de fazer o parto não era rápido, mais tinha umas mulheres que era mais complicadas, as parteiras durava mais. A diferença de hoje e por que hoje as mulheres já não tomam mais banho de mato para poder ganhar o nenê, já tem os médicos pra poder fazer os partos delas, aí depois do parto, ela ganhava o nenê e aí agente pisava o mato e dava insergração na barriga por causa da dona do corpo, por que as parteiras de antigamente falava que era pra cura a barriga da mulher para desinflamar. Durante o resguardo a mulher ficava 8 dias tomando banho de folha de mato, folha de aroeira, avacanta, mentraste, artimijo, elas tomava banho da cintura para baixo. Antigamente as mulheres não tomavam antibiótico então o remédio de inflação delas era esses banhos de erva para desinflamar, aí quando a mulher tem o bebe o resguardo e de 40. Era a partir de 40 dias que ela poderia pegar peso e que iam fazer os trabalhos de casa. E hoje quando a mulher sente dor para ganhar nenê elas procura o hospital, La elas ganhar a criança e no outro dia já vão pra casa. O resguardo de hoje e bastante diferente de antigamente, antigamente as mulheres ficava 3 dias dentro do quarto com a cabeça amarrada e com o ouvido tampado por causa de barulho, a comida era escaldado de galinha caipira e galinha caipira para ela poder comer durante 30 dias e hoje as mulheres de hoje não tá tendo resguardo mais não, as mulheres de hoje em dia come tudo que aparecem e antigamente era tudo diferente com os cuidados das parteiras.

Ela fala que quando via que a mulher está demorando muito para ter a criança, ou não está indo tudo certo, pegava a folha de mato, preparava os banhos bem quente e dava na mulher que estava sentindo dor das cinturas para baixo, pra aumentar a dor. Esses matos que ela usava para fazer os banhos: são a folha da banana da terra, folha de mastruz e metraste.

Devalda diz que quando era pequena, sempre ouvia a sua avó falar com a minha mãe que quando uma mulher está grávida, ela não pode ficar abaixando muito, para não pegar muito peso, não se sentar em pilão, porque senão a placenta do menino pega e fica pegado e dá complicação na hora do parto, aí a mulher fica ruim de despachar.

As gravidezes de antigamente tudo era assim, afirma Devalda, elas tinham os cuidados e respeitavam essas regras dos mais velhos. Ela lembra que teve a maioria dos seus filhos sozinha. Quando sentia a dor, falava para o seu marido e ele ia atrás da parteira, mas nem sempre ela chegava em tempo. Ela lembra que tinha a criança, enrolava em um pano e colocava em cima da cama. Só não fazia cortar o umbigo, por que ficava com receio. Aí quando a parteira chegava ao trabalho dela era só de cortar o umbigo, dar banho e colocar em cima da cama em seus braços.

No resguardo, depois que a mulher ganha a criança, ela fica muito sensível, ou seja, o juízo fica fino, não pode ouvir barulho. As pessoas de antigamente falam que o juízo fica fraco, por isso não pode ouvir barulho, tem que colocar um algodão no ouvido e ficar em um lugar calmo, não pode pegar peso, não pode abaixar. A mulher tem que ter o repouso de 40 dias, para poder a mulher se recuperar, para daí poder voltar como era antes, saudável.

Quando a mulher está de resguardo, ela não pode comer certos tipos de alimentos, comidas remosas. Como por exemplo, peixes de couro, carne de porco, mariscos como caranguejo, lagosta, entre outros que são muitos remosos. Caças do mato, como tatu, paca, caititu, galinha do pescoço pelado, conhecida como galinha goio, entre outros alimentos. Os alimentos que podiam era carne de boi, carne de porca preta, galinha caipira ou granja, etc.

Antigamente quando a mulher ganhava nenê, com três dias tinha uma temperada que as parteiras preparavam, e ficava 3 dias essa temperada pronta. Aí, depois desses três dias a parteira dava uma dose para a mulher que teve a criança, para ela curtir a barriga por dentro. Devalda fala que essa temperada era feita com um pouco de Cachaça, com alho dentro, cebola branca, pimenta cominho, folha de atimijo e folha de arruda.

Depois que a mulher ganha nenê, tem que tomar banho de casca de aroeira, banho de mastruz, banho de folha de caju, água inglesa ou água Vanessa para ajudar a limpar por dentro, e até mesmo desinflamar o útero da mulher. Quando a mulher ganha nenê tem que amarrar a barriga para não fica barriguda, lembra Devalda sobre a fala de sua mãe, e os ensinamentos dos mais velhos.

Devalda já fez mais de 20 partos na minha aldeia, mas hoje não tem mais coragem de fazer, por causa da saúde que já não é mais a mesma. Depois que a sua mãe faleceu ela teve uns problemas de cabeça e entrou em depressão, usou remédios controlados, e eles, por serem muito fortes, às vezes a deixam tonta. Por isso ela conta que não pego filho de ninguém mais, mas se não fosse isso, estava pegando até hoje. Agradece a deus pelas vidas que eu trouxe à mundo, cheias de vidas e saudáveis e se sente agradecida a deus, por ter dado a elas esses ensinamentos que ajudam essas mulheres.

Ela afirma que hoje em dia houve muitas mudanças e que as mulheres preferem ter seus filhos em hospitais, porque as coisas não são como antigamente. As mulheres não guardam mais o resguardo e não respeitam os ensinamentos dos nossos mais velhos, tem mulher que ganhar nenê e uns três dias já está andando para lá e para cá. Não tem resguardo, come comida remosa e isso prejudica a saúde da mulher. Elas começam a sentir problemas de saúde sem saber o porquê: uma dor de cabeça, uma hemorragia, inflamação no útero.

Devalda também reflete que aos 57 anos não sabe o que é nenhum de seus problemas, pois quando eu tinha seus filhos, guardava o resguardo bem guardado, para não fica uma mulher doente.

Ela agradece a deus por ter dado a ela essa missão de trazer vidas ao mundo, de ter ajudado o seu povo. Ela se sente muito grata.

MINHA AVO PATERNA FLORIPES MARIA FERREIRA (CONHECIDA COMO CABOCA)

A minha segunda entrevista foi com a minha avó paterna Floripes Maria Ferreira, mas conhecida como Caboca, da etnia pataxó, nascida no dia 15/12/1944, na aldeia Corumbauzinho. Mãe de 13 filhos, sendo 9 vivos e 4 mortos, seus partos foram todos naturais feito pela minha mãe Leonídia.

Na nossa conversa, ela me relatou várias experiências e relatos sobre os partos que ela fez ao longo da sua vida. A mãe dela era parteira e então ela decidiu continuar esse legado de ajudar as mulheres de sua aldeia, com as minhas experiências, tudo que eu sei minha filha, eu aprendi com ela. Sua mãe ensinava que quando dá complicações na hora do parto, para fazer o remédio, mas graças a deus nunca ouviu nenhuma complicação, só uma vez que foi fazer um parto de sua filha e o menino nasceu com o cordão umbilical amarrado no pescoço, com uma capa coberta na cabeça.

Quando ela viu aquilo, me contou que tomou um baita de um susto, que pensou como iriam falar para a menina que o filho dela nasceu diferente. Ele também não chorava e ela achava que ele tinha nascido morto, foi quando Caboca conta que deus deu a ela o ensinamento de puxar aquela capa, aí ela tirou aquele cordão e ele chorou. Ela conta que agradeceu muito a deus, pois ele estava vivo, mas lembra que isso aconteceu uma única vez, graças a deus.

O primeiro parto que ela fez, ainda era bem novinha, só tinha uma filha. Caboca conta que foi ficar com uma prima, que estava com dor, e o marido dela tinha ido buscar uma parteira bem longe, aí ela pediu para eu acudir ela. Caboca foi e pegou a menina dela com medo assim mesmo, porque nunca tinha feito nenhum parto, mas tinha os ensinamentos da sua mãe, que era parteira. Tudo que ela sabe hoje, foi ensinado pela mãe e daquele dia em diante começou a fazer parto. Sua mãe dizia que quando a gente pega aquela criança nos tornamos madrinha dela.

Caboca conta que sua mãe falava que para cortar o umbigo tinha que medir os dois dedos e cortar. Quando ela estava grávida, trabalhava até no último dia de ter menino. Caboca conta que ajudava o marido na roça, arrancava a mandioca, torrava farinha, fazia de tudo dentro de casa e não a atrapalhava em nada, sua mãe dizia “ Oh, minha filha! Quanto mais a mulher trabalha quando está grávida, mais rápido é o seu parto. ”

Sua mãe também dizia que quando a mulher está grávida ela não pode comer certos tipos de alimentos, não pode ficar se abaixando, e nem passa por debaixo de arame farpado, não pode ficar olhando para animais e figuras feios, para que a criança não nasça parecida e nem feia, tudo isso sua mãe ensinava e ela tinha um cuidado enorme com Caboca quando eu estava grávida.

No resguardo a mulher só pode se levantar da cama partir de três dias, não pode ficar pegando peso, só o peso da criança é o suficiente. Não pode comer certos tipos de alimentos e nem comida requentada, galinha da roça não podia, o sal era separado, farinha era separado, a comida era feita separada para ninguém meter a mão.

Quando ela ou suas irmãs tinha filhos, sua mãe ia para suas casas para tirar o nosso resguardo. Ela pegava a folha do mastruz e pisava, a folha da arruda, da hortelã moído com o óleo de amêndoa, passava na barriga e atracava com o pano, sua mãe falava que era para desinflamar por dentro e para ajuntar a dona do corpo, pois quando ganhamos o bebê fica um negócio andando dentro da nossa barriga, que é a dona do corpo procurando o menino.

Sua mãe dizia que quando a mulher tem a criança e não aperta a barriga, ela cresce a barriga, e isso é mesmo, diz ela, “Olha aí, quem diz que eu tive esse tanto de filho?!”. Sua mãe também ensinava que, quando a mulher ganha menino, ela não pode soprar fogo e nem pega peso, porque senão a mulher pode ficar com defeito e com complicações futuras.

Caboca não tenho nem a de quantos meninos já pegou, mas que foram muitos. Até na cidade de Itamaraju ela pegou menino. Lá, ela pegou 4 crianças e aqui na aldeia pegou tantos que já perdeu a conta, “tem mulheres e homens que eu peguei que já são pais”, conta ela.

Quando vinham na casa dela, a chamavam, independente do horário. Tinha vez que era nas caladas da noite, e se levantava da cama e ia sem fazer cara feia. Algumas mulheres ganhavam rápido, mas tinha outras que demorava para ganhar, mais graças a deus dava tudo certo.

Sua mãe ensinava que quando a criança está atravessada na barriga, que era só consertar o menino, sacudir o menino direitinho, para ir para o lugar certo. Tudo isso ela sua mãe ensinava.

Caboca conta “Hoje eu vejo que muitas coisas mudaram minha filha, as mulheres preferem ter seus filhos nos hospitais, até então por que os partos de hoje já não são como o de antigamente, as mulheres já não têm mais os cuidados de antigamente. Hoje eu vejo a mulher ter filho hoje e amanhã já está de pé”.

ENTREVISTA DA AGENTE DE SAÚDE (CRISTIANA)

A minha terceira entrevista foi com a agente de saúde da aldeia Corumbauzinho, Cristiana Conceição, mãe de 5 filhos, todos por parto naturais, e na sua entrevista ela relata a sua experiência:

Entrevista:

Ela afirma que nunca tinha feito nenhum parto, só ouvia os comentários, sua avó era parteira e ela sempre comentava sobre como fazer um parto, como cortar o umbigo, e Cristiana a escutava falando, e assim foi aprendendo, até que colocou em prática e pegou seus dois filhos.

“O meu primeiro parto foi uma experiência comigo mesma de pegar meu próprio filho, eu estava em casa sozinha, estava num momento chuvoso, que era época de São João, aí eu não quis ir para o hospital, porque na época era muito difícil, não tinha carro de saúde para socorrer, aí eu falei vou ganhar esse menino aqui dentro de casa com Deus e nossa senhora.” Ela conta que, de repente veio as contrações, e ela forrou um lençol limpo na cama, para não sujar a cama. Quando veio as contrações fortes, ela fez força, aí seu filho nasceu e ela o pegou “sozinha e Deus”. Naquela hora ela cortou o umbigo, deu banho e ajeitou ele.

Cristiana relata que “Quando a criança nasce que a parteira corta o umbigo, deve medir dois dedos um pouco afastado do umbigo, amarrar uma cordinha no começo e outra no fim da invide, e por último, esquentar uma colher e queimar o umbigo, para não entrar ar.”

Ela me diz que durante a gravidez as mulheres, devem ter total repouso, não andar de moto(motocicleta), nem de bicicleta, não montar a cavalo, evitar ficar abaixando, não ficar pegando muito peso, porque a gestação a mulher está em uma fase muito sensível.

Na parte do resguardo, ela diz que deve se ter muitos cuidados e tem que seguir todas as regras dos nossos mais velhos, pois não deve passar raiva, não pode ouvir barulhos, não pode abaixar e nem comer alimentos carregados, não pode comer galinha penuja, nem galo, nem galo catando e nem galinha choca. Ela fala que não podemos comer galinha de granja, carne e as galinhas crianças sem que seja goio.

“O período do resguardo são 40 dias certinho, sem poder pega peso e sem poder pega em vassoura, porque a minha avó falava que quando estamos de resguardo se varremos uma casa a mulher pode ter uma grande hemorragia.” Ela diz que atualmente é agente de saúde e relata sua experiência de ter pegado dois filhos seus, aconselhando as mulheres grávidas da aldeia a fazerem o pré-natal certinho, todos os meses.

Cristiana conta que começou um curso de técnico de enfermagem em 2021, mas infelizmente não teve a oportunidade de terminar, em alguns dos estágios feitos nos hospitais, ela presenciou um parto que as enfermeiras fizeram parto normal.

Você como agente saúde quais os cuidados que você diria para as gestantes?

Cristiana diz que como agente de saúde aconselha a gestante assim que descobrir que esta grávida fazer o exame e procura logo a enfermeira para ela fazendo o acompanhamento do pré natal, para a enfermeira ter o auto conhecimento, fazer o uso dos medicamento certinhos que é o sulfato ferroso e o ácido fólico, para que a gestante tenha uma gravidez saudável e um bom parto.

APÊNDICE 3 – Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada

- 1) Apresentação da entrevistada
- 2) Como era feito o parto antigamente e o que mudou?
- 3) Quais eram os cuidados, antes do parto e depois do parto?
- 4) Quais ervas medicinais era usada, antes e depois do parto?
- 5) Qual alimento podia comer e oque não podia comer?

APÊNDICE 3 – Excertos de outros trabalhos

O QUE CONVERSAM COM O MEU TRABALHO

SITUACOES PARECIDAS:

Lendo o texto tal ou conforme a leitura do texto tal, identifiquei algumas semelhanças com o parto tradicional Pataxó, a autora diz que...O pré-parto é uma fase que está relacionada com o cuidado com a mãe e o bebê ainda dentro da barriga da mãe. Esta fase precisa de muita atenção, de uma boa alimentação, banhos e chá em remédio caseiro. A maioria das parteiras fazem algumas ciências que ajudam muito quando a mulher está com um possível parto difícil, para saber se o nenê está sentado na barriga, também para saber o sexo da criança, mas tem também principalmente muitas orações e muita fé em deus.

Elas também indicam como fazer o nenê nascer mais rápido com o uso de plantas. Quando demora elas da os copos de remédio cozido para adiantar, tem os cozimentos para apertar a dores para ganhar mais rápido, mas elas falam que quem resolve tudo mesmo é deus.

Precisamos ter cuidado desde a alimentação até nosso comportamento, quando ficamos grávidas não podemos passar debaixo de arame farpado e nem deixa roupa amarrada e nem ao avesso, pois nós mesmos podemos amarrar o nosso parto, ‘amarrar’ que eu falo é a criança não conseguir nascer e precisa fazer cesária. Não podemos comer qualquer alimento como pregado de arroz, pela de porco, pois se comemos na hora do beber nascer, e se é de descer, faz subir para a boca do estômago e aí a mulher sofre muito.

Pimenta nem pensar pois a criança nascer com cólica e muita quentura e não pode comer os miúdos da galinha, porque a criança nasce miúda. Quando eu tive minha filha, minha mãe não deixava varrer a casa, soprar fogo, nem pegar peso nenhum, pois a mãe do corpo (a mãe do corpo é uma parte do útero), poderia sair para fora já que ficaria muito afleimada (quando uma coisa está quente, vermelha, com dor). Temos que ter cuidado ao sentar-se, não pode sentar-se de qualquer jeito e não pode lavar o cabelo antes dos 30 dias, pois a mulher pode sentir muita dor de cabeça. (p.20, Zeza).

O índice de Cesária está aumentado muito, a maioria das vezes por medo de ter o parto normal e serem maltratadas, as mulheres indígenas preferem seguir o procedimento cirúrgico para fazer a cesária, muitas das vezes algumas mulheres preferem pagar para fazer o parto com medo de corre algum risco mais sério na saúde.

As parteiras usam muitos banhos de remédios e chá que ajudam antes e depois do parto encerradas, por insegracoes e outros cuidados importantes, que ajudam a consertar a mulher e ensinar a guardar o resguardo. Temos muitos cuidados de não assustar a mulher de resguardo para não quebrar o mesmo, pois o juiz da mãe fica muito fino, qualquer coisa atrapalha, aí se quebrar nunca melhora, segundo as parteiras.

As parteiras também cuidam muito bem do bebê, usam azeite no umbigo que cai com 3 dias e quando se usa álcool, demora muito para cair. Elas também ensinam até remédios e alimentos para aumentar o leite. Passa espinhaço ou cabo de peixe curimatã nos peitos, assim rapidinho os peitos estão cheios. Alguns alimentos também como cuscuz, arroz de leite, canjiquinha de milho o pirão e outros são bons. Tem também ervas que são ótimas para a mulher tomar para ajudar, e os chás de manjerona e papaconha, assim os peitos fica cheinho.

As parteiras têm muito cuidados em preparar as comidas das mães, depois do parto não pode se alimentar como antes, em pelo menos um mês: almoçar e jantar mais cedo e a noite só pode comer pirão ou macarrão, esses são alguns dos cuidados. As galinhas têm que ser mansas não pode comer galinha de certas qualidades, por exemplo, galinha que tem pescoço pelado é muito remosa para saúde da mulher no resguardo. Quando comemos coisas que não pode no resguardo, ficamos doente para toda vida e depois não sabemos o porquê foi, geralmente as dores que atacam são: dor de cabeça, depressão, tontura e outros problemas de saúde. (p.28, Zeza).

Atualmente as maiorias das mulheres decidem ter seus filhos em hospitais, e isso nos permite ver a diferença muito grande, porque os cuidados são totalmente diferentes. Desde o momento e que a mãe vem do hospital para suas casas, elas levam baques nos carros e isso prejudica a saúde do corpo. Nos hospitais a alimentação é bem pesada, ao contrário das que as parteiras recomendam.

As mulheres também não respeitam o resguardo como as de antigamente que tinha seus filhos em casa, talvez por que não receber orientações. Elas não se protegerem do frio e lavam a cabeça com menos de quinze dias. Consomem alimentos que não são propícios à saúde no período do resguardo, e a escolha por hospitais apresenta essas diferenças, pois muitas mulheres sofrem bastante para ter seus bebês, porque talvez ele não esteja no momento certo de nascer.

Já no parto feito pelas parteiras elas utilizam remédios que ajudam o bebê e a mulher ganhar força para conseguir que ele ou ela nasça mais rápido. Algumas crianças já nascem mais bravas e valentes, diferentes, por causa dos pais

e das mães. Às vezes pega e às vezes não pega deles. Algumas famílias têm crianças bravas e calmas por que isso tem a ver com os cuidados que os pais tiveram com os filhos naquele tempo, cada cuidado faz uma criança diferente.

Na aldeia existem crianças mudas e avó das crianças explica por que isso aconteceu. Ela conta que apesar de deus mandar a criança perfeita, a mãe era muito brava e sem paciência quando estava grávida. Quando a criança está na barriga da mãe e ela fica brava, o sangue ferve, e como a criança está ligada à veia e ao sangue, ela vai mudando o jeito, trocando a partir do jeito da mãe e do pai, ou até ficar sem saúde, ficar muda como o caso.

Quando a mulher está na fase da gestação, os nossos avós falam também que não podemos comer aquela banana que esta grudada uma na outra. Isso é falado desde criança para quando for ter o filho não nascer grudado no outro. Quando encontra a banana dividir com a outra pessoa.

Não se pode matar cobra quando está em fase de gestação e nem sequer observar o animal. A criança pode nascer zarolho. (p. 11, alessandro). Não podemos comer o que foi queimado no fundo da panela, por que a criança demora para nascer e é como se fosse imitando o grude que forma no fundo da panela.

Nos primeiros meses de gestação não podemos usar colar. Só depois que a criança está nascendo. Aquelas crianças que nascem com o cordão umbilical no pescoço é porque a mãe ou pai usou muitos colares. Então quando a criança nasce com esse tipo de problema não é normal, tem que tomar cuidado, senão pode ser fatal.

O QUE NAO CONVERSAM COM O MEU TRABALHO

Assim como encontrei semelhanças, também percebi diferenças entre outras pesquisas. Por exemplo, a criança que tem deficiência em alguma parte do corpo por exemplo, foi porque o pai fez artesanato e não terminou quando a mãe estava grávida e ainda antes da criança se mexer, pois, exatamente nessa época tem que fazer as coisas certinho.

Quando produzimos artesanatos não podemos deixar de concluir, principalmente os bichinhos de madeira, porque os bichinhos de madeira são feitos em forma de animais. Quando produzimos esse artesanato quando a mulher está na fase de gestação e não termina esse bichinho de madeira a criança pode nascer com deficiência com a parte do corpo faltando igual a que faltou no bichinho.

Desde jovens, antes de ter nossos filhos, os nossos pais falam para deixar a nossa casa sempre limpa e em volta da casa também, para a criança não nascer com o rosto com muito pelo (cabeludo). Falam também que depois da refeição lamber o prato faz a criança ter o rosto lisinho e bonito.

Quando comemos peixe não se pode comer os ovos do peixe por que senão a criança pode ter espinha cedo. Quando ainda a panela está fervendo não podemos nos servir, por que quando a panela está fervendo e borbulhando e como se fosse está com raiva, por isso às vezes fica muito agitado e chora muito.

Não podemos deixar a panela suja tanto tempo sem lavar, principalmente aquelas que estão queimadas no fundo da panela, e nem comer. Porque dificulta a criança nascer e faz o parto demorar.

Quando está jovem ou antes de ter o filho os pais colocam a cobra caninana na cintura da adolescente para não sentir dor na hora do parto. Depois que a criança nasceu o pai não pode jogar bola durante um mês. É como se fosse chutar a barriguinha da criança e está afetando o umbigo do bebê, que pode ficar doente. Porque quando o pai está jogando a criança fica muito agitada. (p.13, Alessandro mimbi).